

Alexandre Paulo Loro

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES
E REPRESENTAÇÕES
SOBRE O BRINCAR**

COLEÇÃO CONHECIMENTO E VIDA

COORDENAÇÃO

DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE

1^a EDIÇÃO

BRASIL – 2010

 **icone
editora**

© Copyright 2010
Alexandre Paulo Loro
Direitos cedidos à Ícone Editora Ltda.

Coleção Conhecimento e Vida

Coordenação
Diamantino Fernandes Trindade

Diagramação
Richard Veiga

Revisão
Juliana Biggi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive através de processos xerográficos, sem
permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda
CEP 01135-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
e-mail: iconevendas@iconeeditora.com.br

SOBRE O AUTOR

Alexandre Paulo Loro é licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É Especialista em Gestão Educacional e Mestre em Educação Brasileira pela mesma instituição. Desenvolve trabalhos na linha: Formação Docente, Saberes e Desenvolvimento Profissional.

Autor e apresentador de dezenas de artigos e trabalhos científicos completos em Seminários Nacionais e Internacionais de Educação e Educação Física.

Atuou em várias escolas particulares e públicas (municipais e estaduais) nos Estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

No presente momento é Professor Assistente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – *campus* do Pantanal, onde atua como coordenador do curso de Educação Física.

Em nossa cultura parece que devemos ensinar valores, espiritualidade, honestidade e justiça de maneira explícita, porque vivemos numa cultura que nega estas dimensões do viver cotidiano, e as crianças não têm oportunidade de aprendê-las ao vivê-las.

Humberto Maturana

SUMÁRIO

- 1. ONDE TUDO COMEÇOU, 9**
 - 1.1 Recordando e descrevendo uma trajetória, **10**
 - 1.2 Partir e conhecer: a saída de casa, **15**
 - 1.3 Reformulando os planos, **19**
 - 1.4 Pesquisar para quê?, **27**

- 2. CULTURA E EDUCAÇÃO, 31**
 - 2.1 Reestruturando a maneira moderna de pensar, **31**
 - 2.2 Dilemas docentes e a necessidade de mudanças, **39**
 - 2.3 As novas imagens docentes e a formação de professores, **45**
 - 2.4 O interesse em aprender – a Formação Contínua do professor, **52**

- 2.5 Um primeiro passo: o diálogo entre as diferentes disciplinas, **56**
- 2.6 Uma atividade espontânea e legítima, **66**

- 3. O CAMINHO PERCORRIDO, 79**
 - 3.1 As Contribuições da teoria das Representações Sociais, **80**
 - 3.2 A produção de informações na pesquisa: análise e procedimentos, **90**

- 4. O BRINCAR NAS REPRESENTAÇÕES DAS PROFESSORAS – DIÁLOGANDO COM AS IDEIAS DE HUMBERTO MATURANA, 93**
 - 4.1 O brincar para Luiza, **94**
 - 4.2 O brincar para Maria Eduarda, **111**
 - 4.3 O brincar para Ana, **128**
 - 4.4 O brincar para Alessandra, **146**
 - 4.5 O brincar para Rê, **166**

- CONSIDERAÇÕES FINAIS, 175**

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 181**

ONDE TUDO COMEÇOU

Quero

*Quero ver o sol atrás do muro
Quero um refúgio que seja seguro
Uma nuvem branca sem pó, nem fumaça
Quero um mundo feito sem porta ou vidraça*

*Quero uma estrada que leve à verdade
Quero a floresta em lugar da cidade
Uma estrela pura de ar respirável
Quero um lago limpo de água potável*

*Quero voar de mãos dadas com você
Ganhar o espaço em bolhas de sabão*

*Escorregar pelas cachoeiras
Pintar o mundo de arco-íris*

*Quero rodar nas asas do girassol
Fazer cristais com gotas de orvalho
Cobrir de flores campos de aço
Beijar de leve a face da lua*

Thomas Roth

1.1 Recordando e descrevendo uma trajetória

Toda pessoa vive em sua trajetória inúmeras situações marcantes, as quais são recordadas com saudosismo e nostalgia, ou não. Escrever sobre a nossa própria trajetória e relacioná-la com a formação é algo que nem sempre é fácil, pois como afirma Freire (1993) a formação é uma ação de construção de si mesmo, um processo aonde cada pessoa vai se reconhecendo ao longo de sua história e se transformando através das interações com outras pessoas e com o contexto sociocultural em que vive.

Fazer o exercício de recordar acontecimentos é muito mais que apenas lembrá-los, pois a memória é uma coisa viva, como muito bem coloca Larrosa (1994). Este autor afirma o que somos, ou melhor, o sentido de quem somos, as histórias que contamos, especialmente as que contamos a nós mesmos.

O que venho a escrever, nessas páginas iniciais, é apenas um recorte de algo muito maior, que é a minha vida, mas de grande importância para entender o percurso desencadeado para chegar à elaboração deste livro. Por isso, nada mais oportuno que iniciar o capítulo fazendo referência à minha infância. Ao localizar/contextualizar de onde venho, o leitor poderá ter melhor compreensão para onde pretendo ir com as minhas discussões.

Vivi minha infância longe de grandes centros urbanos. Proveniente de uma região colonizada por migrantes gaúchos, na metade do século passado, num pequeno município do interior do extremo-oeste catarinense, chamado Bandeirante, na época, distrito de São Miguel do Oeste. Lá não tinha acesso às “coisas” das grandes cidades, no entanto, havia tranquilidade e paz, características típicas de lugares pequenos e interioranos, onde todos praticamente se conhecem.

A infância, vivida no interior de uma cidade do interior, em meio às lavouras e campos, permitiu algumas experiências, as quais hoje não as percebo mais com frequência entre as crianças: espaço e liberdade para brincar harmoniosamente, em meio à “natureza”, conforme citado na epígrafe que inicia este capítulo. O subir e o descer das árvores para apanhar as frutas, o balançar nos cipós, a pescaria nos açudes e rios limpos, seguida por gostosos banhos, a correria em meio aos poteiros até perder o fôlego, o suspense do esconde-

-esconde, no mato, permitia-me brincar até cansar e saciar a vontade. Alguns aromas e sabores que sinto hoje me remetem àquela época.

As famílias eram geralmente numerosas. A minha, em particular, é formada por seis irmãos, todos mais velhos que eu. Isso possibilitava o divertimento de grandes grupos de meninos e meninas, somados aos vizinhos e amigos. Muitos jogos eram vivenciados, a maioria deles coletivos, sendo os nossos preferidos: pegador, caçador, bets, jogos com bola (inclusive o futebol), entre outros – fizesse chuva ou fizesse sol, estávamos todos juntos. Inclusive a chuva não era motivo para desmotivação, pelo contrário, a brincadeira tornava-se ainda mais atraente. Naqueles dias, tínhamos três opções: brincar na chuva (nossa preferida e geralmente vetada pelos pais), brincar dentro de casa (também geralmente vetada, por ter quebrado vários vidros com a bola) ou brincarmos em algum galpão (todas as famílias tinham um). Confesso que as duas primeiras alternativas eram unânimes de preferência entre os participantes.

Muitos brinquedos eram construídos por nós mesmos, a exemplo dos carrinhos de madeira, pernas-de-pau, cordas de pular e bодоques. Os recursos financeiros de quem vive da agricultura familiar geralmente são pequenos, por esse motivo, dificilmente, alguém ganhava algum brinquedo novo. Quando um brinquedo era comprado, cuidávamos muito para usá-lo e não

quebrá-lo. Deveria durar e, se possível, ser passado de irmão para irmão.

A minha infância foi marcante pelas brincadeiras ao ar livre e em grupo, mas não dispunha de todo tempo do mundo para isso. O brincar era um tempo destinado geralmente ao final do dia e final de semana. Durante a semana, havia uma série de outras atividades a serem realizadas. Imaginava que o dia era dividido em três momentos:

- O primeiro momento era quando acordava e caminhava até a escola, onde permanecia por toda manhã.
- O segundo momento era de ajudar os meus pais nas tarefas da propriedade (casa, lavoura, pecuária, etc.) depois do almoço. Funções eram delegadas e sempre alguém era responsável por alguma atividade específica. Esse ambiente proporcionou, desde cedo, uma chamada à iniciativa e responsabilidade.
- O terceiro e último momento era o final do dia, quando brincava até anoitecer. Em seguida, entrava em casa para jantar, fazer as tarefas da escola e ter mais uma boa noite de sono.

Acredito que essa rotina de simplicidade e responsabilidade tenha refletido no gosto pelos estudos escolares, que iniciei em 1986, quando ingressei em uma escola municipal “multisseriada”, com poucos alunos.

Ir para as aulas era um motivo de grande alegria. Andávamos a pé até a escola e, no caminho, apanhávamos muitas flores para dar à professora. Todo dia tinha um grande buquê em sua mesa. Lembro-me que as quatro séries (1^a a 4^a série) eram organizadas em colunas, ficando todos os alunos na mesma sala. À medida que se desenvolvia e se terminava determinada atividade, podia-se prestar atenção e acompanhar o conteúdo das demais séries, o qual estava escrito e dividido por linhas de giz branco no quadro negro.

Havia também uma caixa com muitos chinelos. Cada aluno tinha o seu par, o qual deveria ser usado dentro da sala para mantê-la limpa – inclusive nós a limpávamos; lembro da horta, que era cuidada pelos pais e pelos alunos; a pracinha, com seus balanços, embalavam um clima de festa no recreio.

Tive, nos primeiros quatro anos da educação básica, sempre a mesma professora, a quem tinha muito apego. O trabalho desenvolvido por ela era geralmente aprovado pelos pais, pois a pessoa da professora era considerada uma autoridade local. Lembro-me que raramente faltava às aulas, pois estar na sala de aula era um momento importante, a tal ponto de guardar até hoje os cadernos, os desenhos, os trabalhos e as provas de toda vida escolar.

Em 1990, fui para uma escola estadual, onde cursei da 5^a a 8^a série. Em todo o começo e final de ano letivo, tínhamos de ir caminhando cerca de três

quilômetros, pois o transporte escolar, para que fosse disponibilizado, exigia uma luta da comunidade com a prefeitura. Confesso ter poucas lembranças desse período colegial. Recordo que fiquei bastante confuso e tive dificuldades em entender tantas disciplinas, com tantos professores diferentes. Em relação às aulas de Educação Física, lembro-me que gostava de estar junto com o grupo, mas não gostava de ser sempre um dos últimos a ser escolhido nos jogos, isso quando escolhido. Queria concluir o ginásio para sair de casa e ter novas oportunidades, conhecer pessoas e lugares diferentes. Assim aconteceu com todos meus irmãos, e comigo não podia ser diferente. Saí de casa, pela primeira vez, aos quatorze anos de idade para morar em um Seminário de Ordem Religiosa.

1.2 Partir e conhecer: a saída de casa

Em 1994, iniciei o Ensino Médio, na cidade de Canela/RS, no Seminário da Congregação Católica dos Servos da Caridade. Essa escolha deu-se por algumas influências: a de ouvir, com satisfação, os relatos das experiências de um de meus irmãos que lá viveu por seis anos, bem como de muitos outros parentes que passaram por alguma Ordem Religiosa, durante determinado tempo de suas vidas, inclusive de duas tias que são freiras e apoiavam essa ideia. Não tive dificuldade de adaptação, passando muito rápido aqueles três anos

em que estive na “Casa São José”. Ia para casa somente nas férias e me comunicava com os familiares através de cartas, hábito que tenho até hoje, porém, com menor dedicação. Todo dia, no final da tarde, ia conferir com muita ansiedade se havia alguma correspondência.

O dia na instituição era organizado com muitos horários e compromissos, principalmente, aos finais de semana. A formação humana, afetiva e religiosa era orientada por alguns eixos: oração, trabalho, estudos, lazer e “afetividade controlada”. Esta “cadeira de cinco pernas” sustentava a nossa formação na instituição, por isso, irei descrevê-la brevemente a seguir:

1. Obviamente, o Seminário enfatizava muito a oração – a capela interna deveria ser visitada diariamente por todos no início e no final do dia. Havia missa diária no final da tarde. Preces eram feitas espontaneamente antes das refeições, como uma manifestação de agradecimento. Havia formação religiosa aos sábados pela manhã. A minha participação na comunidade, em grupos de oração, nas famílias, dias festivos, grupos de jovens, novenas, adorações, catequeses, romarias, procissões, liturgias, animação pastoral, cursos de liderança jovem, prestações de solidariedade, projetos assistenciais, etc., permitiu que pudesse ser mais desinibido e desenvolvido. Do tempo em que se “fazia da vida uma oração a Deus”, tenho imensa saudade, no sentido

de ter a oportunidade em desacelerar o ritmo para (re)pensar um pouco mais sobre a vida. Era um momento de planejamento e reflexão, quando sonhava acordado com um “projeto de vida”, algo que hoje fazemos com menor frequência, devido ao excesso de afazeres cotidianos.

2. O tempo destinado ao ócio era muito pequeno, extremamente limitado, por isso o trabalho nos mantinha ocupados. A cada semestre, novas equipes eram formadas para as mais diversas tarefas da instituição, o que proporcionou o aprendizado de certas habilidades na cozinha, lavanderia, gráfica, horta, pomar e pecuária. Equipes eram revezadas, semanalmente, no zelo pela higiene do prédio, bem como na lavagem da louça, pós-refeições. Tudo isso me ajudou a ser uma pessoa mais organizada e flexível às novidades.
3. Grande ênfase era dada aos estudos, tidos com referência por ser “forte e sério”. Sabia que, se quisesse aprender mais, seria através do esforço pessoal e não por fruto do acaso. Por isso, estava frequentemente com os livros nas mãos. Além da biblioteca da escola, havia, na instituição, mais duas: uma com livros espirituais e de autoajuda, e outra de conhecimentos universais. Aulas de italiano, violão,

harmônio e datilografia eram proporcionadas a todos os interessados.

4. Como opção de lazer, passeios eram organizados nos finais de semana, para que pudéssemos conhecer lugares diferentes e jogar futebol com times da região. Durante a semana, no intervalo, depois do almoço, assistia ao Globo Esporte para ver os gols da rodada dos campeonatos. Em seguida, corria para o campo com uma bola debaixo do braço. Nos sábados, à noite, todos se reuniam na sala de vídeo, para assistir filmes criteriosamente selecionados. Muitas atividades físicas eram praticadas por estar à disposição boas instalações: piscina, ginásio de esportes, campo de futebol e sala de jogos- eu sempre estava em um desses lugares, nos pequenos intervalos.

5. A cobrança, para ser um exemplo em tudo, era grande, por isso, havia a necessidade de se trabalhar a afetividade. Pelo diálogo, era orientado a “cultivar as virtudes”: falar corretamente, chamar todos pelo nome, ser uma pessoa humilde, solidária, disponível, respeitosa, honrada, disciplinada e de bom caráter. Era estimulado a persistir, a manter-me motivado para não desanimar e desistir, apesar das dificuldades. O convívio, em grupo, nem sempre é fácil, mas, por ter mais irmãos em casa, aprendi, desde cedo, a repartir, aceitar opiniões e gênios diferentes.

Em 1997, fui para o Seminário Maior em Porto Alegre – RS. Pela manhã, deslocava-me à Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição (FAFIMC), em Viamão/RS, para cursar Filosofia, hoje, atual Campus II da PUCRS. À tarde, meu compromisso era com as atividades educacionais junto às crianças da periferia atendidas no Educandário São Luis. Infelizmente, não pude concluir o curso de Filosofia por ter me retirado da Congregação. Quero frisar que os anos todos que vivi, naquele ambiente, foram significativos em minha formação e ainda hoje me flagro, com frequência, pensando naquilo de bom que lá aprendi. Tenho ótimas recordações.

Em seguida, trabalhei como técnico em telefonia por quase dois anos (1998-1999). Queria estudar, mas não conseguia conciliar os horários por viajar muito. Por onde passei, conheci muitas culturas e pessoas diferentes. No entanto, não estava satisfeito com minhas atuais atividades. Faltavam oportunidades. Não me identificava com o ofício e tampouco era o que buscava. Via, em todos os lugares, pessoas indo estudar com as suas pastas – queria fazer o mesmo.

1.3 Reformulando os planos

Retornei à casa de meus pais, em São Miguel do Oeste/ SC, no final do ano de 1999. Lá permaneci por alguns meses. No início de 2000, fui convidado

a trabalhar na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Minha função seria monitorar as crianças do Apoio Sócio-educativo em Meio Aberto (ASEMA), de uma Instituição Assistencial chamada “Cidade dos Meninos”, a qual fazia parte da mesma sociedade mantenedora que a do Seminário em que estive por quatro anos. Não pensei duas vezes, aceitei prontamente. Sabia que, nas proximidades, existia uma universidade pública – a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Era a oportunidade que precisava para retomar os meus estudos.

A Cidade dos Meninos foi um recomeço e um ambiente em que aprendi muito. Por três anos e meio morei lá, trabalhando com as crianças nos turnos vespertino e noturno. Pela manhã, saía para me preparar para o vestibular. Tarde da noite e finais de semana eram os momentos em que atualizava as principais leituras. Inscrevi-me no vestibular para o curso de Educação Física, mas também tinha vontade de fazer o curso de História. A opção pela licenciatura aconteceu por ter como principais referências profissionais, desde a infância, o professor e o religioso. O aspecto de forte aproximação com as ciências humanas e o convívio em coletividade também ajudaram na decisão. Inclusive, muitos de meus colegas da mesma época, com trajetórias parecidas, hoje também são professores.

No ano de 2001, passei no concurso vestibular para Educação Física; durante o curso, não dispunha

de muito tempo para participar dos grupos de estudos ou para participar de seminários por estar trabalhando. Em contrapartida, isso me possibilitou desenvolver vários projetos de ensino e extensão dentro da Cidade dos Meninos, unindo a teoria com a prática. Desde o primeiro semestre, esboçava um projeto, o qual veio a ser contemplado com uma bolsa de estudos da universidade em seguida, no segundo semestre. Esse primeiro projeto oportunizou a ida de vários colegas de curso à instituição para desenvolver trabalhos relacionados à área. Essa troca foi uma experiência relevante em minha formação docente.

Em 2003, na metade do curso de Educação Física, não consegui mais conciliar trabalho e estudos. Nesse momento, tive que ir morar na Casa do Estudante Universitário (CEU II) da UFSM. Com essa mudança, adquiri mais tempo para dedicar-me aos laboratórios, aos estágios extracurriculares e à pesquisa.

No decorrer dos últimos anos do curso de Educação Física, ficava na expectativa de voltar a trabalhar. Ao ingressar num curso superior de licenciatura, senti que havia escolhido uma profissão repleta de dificuldades, e uma das perguntas que fazia com frequência era se iria conseguir emprego depois de formado. Muitos demoram anos para conseguir um trabalho.

Comecei a participar de grupos de estudos, a organizar eventos, a monitorar disciplina do curso (Fundamentos da Educação Física II) e a dedicar-me

com maior afinco aos assuntos relacionados com a educação, pois as minhas leituras preferidas eram em relação a essa área do conhecimento. Nunca tive o porte de um atleta. Até concluir a licenciatura, permaneci a maior parte do tempo no laboratório de Pedagogia do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD). Lá, pela primeira vez, tomei conhecimento sobre a teoria das Representações Sociais.

Cada vez mais, participava de eventos nacionais e internacionais, fosse como participante, ou como apresentador de trabalhos científicos na área da educação ou Educação Física. Fui por três anos consecutivos, sempre com projetos diferentes, bolsista do Programa de Licenciatura (PROLICEN). No mesmo período, desenvolvi trabalhos na Escola Pão dos Pobres de Santo Antônio e na Instituição Recanto da Esperança, ambos no município de Santa Maria – RS.

No sexto semestre da graduação, cursei a disciplina de Administração Escolar. Ela era ministrada por um professor que trabalhava de um modo um tanto diferenciado dos demais colegas de trabalho. Até então, eram raros os momentos, no decorrer do curso, em que algum professor perguntava a seus alunos sobre o que o texto nos levava a pensar e não somente ao que o autor nos dizia (LARROSA, 2000). Suas aulas abriam margem para profundas discussões, a tal ponto de até discordar com o que estava escrito nos livros. Não estava acostumado com aquele modo de reflexão. Geralmente,

pensamos pelos outros e não por nós mesmos. Percebi que somos responsáveis pela nossa própria formação e que é importante acreditar em uma educação delineada pela reflexão, responsabilidade e confiança.

Em 2005, último semestre letivo do curso, decidi retornar a São Miguel do Oeste-SC para desenvolver o estágio profissionalizante na escola La Salle Peperi. O principal motivo de ter optado por esse campo de estágio foi por ter me identificado no decorrer do curso com as disciplinas pedagógicas. O trabalho que veio a ser desenvolvido foi com uma turma de Educação Infantil. Foi um desafio que aceitei. Em minha formação acadêmica, tive apenas uma única disciplina que abordou questões relacionadas ao universo infantil. Nunca tinha trabalhado com crianças de seis anos de idade, até então. As experiências vivenciadas, naquele ambiente, foram oportunas para refletir sobre a minha formação docente e atuação profissional. Percebi o quanto ainda tinha de aprender com os “pequenos” e sobre a importância das relações proporcionadas pelas brincadeiras. Dei-me por conta do valor do brincar na vida da criança, da importância de se trabalhar de forma integrada com professores de outras áreas do conhecimento e de seus saberes para o desenvolvimento profissional.

A escolha da cidade, em que realizei o estágio profissionalizante, não se deu simplesmente por acaso. O principal fator motivante, além da família, foi por querer ficar mais próximo de minha namorada – a

Quelim. Ela sempre me apoiou durante todos os anos de idas e vindas, de uma cidade a outra; assim, não poderia deixar de registrar a sua importância neste trabalho e na minha vida.

Concomitante ao Estágio Profissionalizante, trabalhei, como professor admitido, em caráter temporário (ACT) no Ensino Fundamental. O local era uma escola de um município da região extremo-oeste catarinense, emancipado há poucos anos. Esta localidade foi onde passei a minha infância. Depois de tantos anos, tive a oportunidade de regressar e trabalhar com alguns antigos amigos e professores. Pude constatar que, no decorrer de todos esses anos que estive fora, muitas mudanças ocorreram em relação à estrutura física da escola. Em contrapartida, percebi que algumas questões ainda não haviam mudado no ensino. Deparei-me com situações que, a meu ver, pouco ajudavam na melhoria do processo de aprendizagem dos alunos, por exemplo: a resistência de alguns colegas, principalmente, os efetivos da rede, em persistirem de seguir um modelo educacional disciplinador. As aulas de Educação Física, tidas como sinônimo de esporte, expressavam pouca relevância para muitos alunos e professores, conforme pesquisa realizada.

Ao concluir o curso de Educação Física, em setembro de 2005, estava ansioso para o teste seletivo do curso de Mestrado em Educação da UFSM. Era um sonho que cresceu comigo durante os quatro anos de

licenciatura. Quando ingressei nessa universidade, acreditava que estaria capacitado para lidar com qualquer adversidade do cotidiano escolar, uma vez que teria concluído o curso. Contudo, percebi, com o tempo, que somos sujeitos permanentemente inacabados (FREIRE, 1996) e que nunca estamos completamente preparados para nada.

Inúmeros desafios e incertezas apresentam-se à prática pedagógica e continuar estudando é uma necessidade. A complexidade que permeia o universo escolar é muito grande. As mudanças ocorrem rapidamente e, na maioria das vezes, não conseguimos acompanhá-las. Isso me levou a questionar/repensar sobre a minha postura enquanto professor. Diante de tantas perguntas sem respostas, de tantas mudanças (tecnológicas e de pensamento) e da provisoriedade do conhecimento, nada mais oportuno que discutir algumas questões que poderiam ser mais bem aprofundadas através de um curso direcionado à educação.

Em 2006, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFSM, Linha Formação Docente, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Comecei a participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS). Minha inserção no grupo possibilitou experiências que contribuíram para uma formação mais crítica, flexível e compreensiva para as questões pedagógicas. Num primeiro momento, com certo estranhamento, ficava ob-

servando, escutando para ver se entendia o que estava acontecendo. Encontravam-se ali pessoas de várias áreas, com tantos projetos e ideias diferentes. Demorei certo tempo para perceber as relações existentes entre todos os trabalhos. É claro que, através da “Quitanda Cultural”, pude ter um melhor entendimento sobre vários aspectos relacionados à formação docente.

Acredito que o GEPEIS não era apenas um grupo de pessoas que se reuniam para realização de pesquisas, atividades complementares, espaço para debates referentes à formação de professores, imaginário social, memória docente e histórias de vida, etc. era, e ainda é, muito mais que isso. É um espaço onde todos podem se expressar. A diversidade é valorizada, trajetórias de vida e formações acadêmicas, tão diversas, são ouvidas. Isso possibilita uma formação profissional muito rica. Quem ali ingressa é contagiado pela união do grupo. Não são apenas colegas, são amigos. Os espaços de convívio ultrapassam os muros da Universidade. Mesmo quem vai embora permanece em contato. Sempre será uma referência positiva.

Sobre a “Quitanda Cultural” que citei logo acima, é um projeto-evento que tem por objetivo criar um território de diálogo entre diferentes formas de conhecimentos, saberes e fazeres, estabelecendo, para isso, encontros de diferentes linguagens e sentidos. É um espaço de construção cultural em tempos de pós-modernidade. É um entrelugar aberto a todos os

alunos(as) de graduação, pós-graduação, professores(as) e funcionários(as) do Centro de Educação da UFSM, bem como pessoas da comunidade extra universidade.

A contribuição da “Quitanda Cultural”, em relação à formação docente, pôde ser percebida em seus processos múltiplos e complexos, nas diferentes dimensões do ser, do saber e do fazer. A partir da conversação entre razão e emoção, entre o eu e o outro, entre o conceito frio e o saber afetivo, nasce uma forma diferente, sólida e ecológica de construir conhecimento, através da qual, mais importante que elaborar categorias e conceitos, constrói-se, coletivamente, um novo tipo de saber. Um saber que é construído não pela via da regulação e do controle, mas sim, no partilhamento e na prudência.

A cada dia, tinha mais convicção de que estava no lugar certo. No entanto, no decorrer deste percurso, muitas vezes (re)pensei sobre o meu projeto de dissertação. O tempo ia passando e, cada vez mais, novas interrogações surgiam. Mais leituras, mais encontros e mais dúvidas. Finalmente me convenci de que aquela ideia inicial, de fazer uma pesquisa sobre as representações dos professores sobre o brincar, era muito importante e não deveria ser silenciada.

1.4 Pesquisar para quê?

Como vocês, leitores, já devem ter percebido, a formação do professor é um processo de construção

que se dá de maneira multifacetada, através de conhecimentos construídos social e culturalmente, às vezes de forma conflitante, divergente e até mesmo contraditória. Assim constatado, pretendo, a partir dos próprios relatos das professoras envolvidas nesse livro, contribuir para a linha Formação docente, saberes e desenvolvimento profissional.

Nesse sentido, o principal objetivo do estudo que resultou neste livro foi o de investigar representações e saberes que um grupo de cinco professoras possui sobre o brincar. Todas essas professoras, licenciadas em Educação Física ou Pedagogia, atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental (1^a a 5^a séries) na rede pública e privada de ensino de Santa Maria/RS.

Justifico a escolha das referidas professoras por acreditar que sejam essas profissionais as pessoas que mais se dedicam à atividade da “brincadeira” com as crianças no espaço escolar. Assumo, assim, a tentativa de manter um diálogo entre diferentes campos do saber, de maneira contextualizada e interdisciplinar.

Concomitante ao objetivo principal, também tenho como objetivos nesse livro: 1) buscar uma aproximação, com algumas das representações das professoras sobre o brincar preexistentes a sua formação inicial; 2) identificar as origens dos conhecimentos das professoras sobre o brincar, relacionados com a sua formação inicial e; 3) relacionar as representações das

professoras com as contribuições do pensador chileno Humberto Maturana¹ sobre o brincar.

No próximo capítulo, faço uma reflexão sobre a maneira moderna de pensar e suas consequências para a formação de professores. Urge, então, a necessidade de mudanças das ações e imagens docentes.

No capítulo 3, discuto a importância de desenvolver um trabalho docente transdisciplinar. Destaco também o brincar como uma atividade espontânea da criança, sendo um território propício para a aprendizagem. Para melhor problematizar o tema, procuro dialogar com alguns autores, considerados referência na área educacional.

O capítulo 4 é dedicado à contribuição da teoria das Representações Sociais devido à sua importância no diálogo explicativo, o que possibilita uma ampla leitura do mundo individual/social. Em seguida, descrevo os procedimentos utilizados na investigação para a produção e análise das informações contidas nesse livro.

No capítulo 5, faço a análise das observações e informações produzidas, durante as entrevistas, bem como uma reflexão sobre elas, levando em consideração a interlocução com as ideias de Humberto Maturana.

¹ Pensador latino-americano de nacionalidade chilena. Estudou medicina na Universidade do Chile. Doutou-se em biologia pela universidade de Harvard (EUA). Professor Titular da Faculdade de Ciências da Universidade do Chile. Professor na Universidade Metropolitana de Ciências da Educação no Chile. Professor do Instituto de Terapia Familiar de Santiago-Chile.

A ênfase, neste diálogo, com as ideias do referido autor, será dada aos aspectos relacionados ao brincar, como um “fundamento do humano”, a partir da Biologia do amor.

No último capítulo, apresento as considerações finais sobre os aspectos analisados e interpretados, onde procuro destacar alguns pontos a serem considerados quando se pensa sobre o brincar na formação do professor.